

Maternidade e estilos parentais

Motherhood and parenting styles

YASMIN MARTINS SANTOS ARAÚJO

Discente do curso de Psicologia - UNIPAM

E-mail: yasminmsa@unipam.edu.br

MARIA LUIZA CORREA

Professora orientadora - UNIPAM

E-mail: marialuizac@unipam.edu.br

Resumo: Os estilos parentais (permissivo, autoritário, participativo e negligente) são considerados importantes para o desenvolvimento psicossocial e acadêmico. Dessa forma, esse artigo teve por objetivo investigar quanti-qualitativamente a percepção das gestantes sobre o estilo parental recebido e o estilo parental que pretendem desenvolver com seus filhos. Os dados foram coletados nas UBSs de um município de Minas Gerais através de entrevista quanti-qualitativa. Para a análise dos dados, realizou-se cálculo da frequência e análise do conteúdo. Participaram do estudo 24 gestantes com idade de 21 a 39 anos. Observou-se que 80% delas não conhecem os estilos parentais, além disso demonstraram que gostariam de manter valores como caráter/respeito, eliminar as punições e a falta de diálogo e criar um bom convívio. Por fim, o estilo parental participativo foi predominante, porém os dados qualitativos apresentaram uma educação com muitas punições. Essa contradição evidencia a necessidade de divulgação e educação sobre a temática.

Palavras-chave: Estilos parentais. Maternidade. Gestação.

Abstract: The parental styles (permissive, authoritative, participatory, and negligent) are significant for psychosocial and academic development. Thus, the aim of this article was to investigate quantitatively and qualitatively how pregnant women perceive the parenting style they have received and the parenting style they want to develop with their children. Data were collected in the UBSs of a city in Minas Gerais through quantitative and qualitative interviews. Frequency calculations and content analysis were performed for data analysis. Twenty-four pregnant women, aged 21 to 39, participated in the study. It was found that 80% of them did not know the parenting styles. They also stated that they wanted to maintain values such as character/respect, eliminate punishment and lack of dialog, and build a good relationship. Finally, the participatory parenting style was predominant, but the qualitative data showed parenting with many punishments. This contradiction highlights the need for disclosure and education on this topic.

Keywords: Parenting styles. Motherhood. Pregnancy.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com Weber *et al.* (2006), os estilos parentais podem ser considerados importantes para o desenvolvimento humano. Isso porque os quatro estilos (permissivo,

autoritário, participativo e negligente) estão associados ao desenvolvimento psicossocial e acadêmico (PASQUALI, 2012). Além disso, o ambiente no qual o bebê vai se desenvolver é tão importante quanto os fatores biológicos, pois é influenciado pela prática parental, ou seja, é a forma como o cuidador educa; como ele age e como demonstra seus valores (WEBER, 2012).

Nesse contexto, a mulher, enquanto mãe, assume um papel fundamental no processo educativo. Entretanto, como será que ela se prepara para desempenhar essa função? Será que ela reconhece os estilos parentais recebidos e consegue escolher qual estilo aplicar a seu filho? É importante estudar as práticas e estilos parentais, pois as pessoas tendem a repetir com os filhos os modelos aprendidos com a própria família (VITALI, 2004). Dessa forma, este estudo tem por objetivo investigar quantitativa e qualitativamente a percepção das gestantes sobre o estilo parental recebido e o estilo parental que elas pretendem desenvolver com seus filhos.

Além disso, muitas vezes os pais se sentem despreparados e possuem dúvidas de como educar seus filhos. Para educar são utilizadas as práticas parentais, e elas podem atuar como fator de risco ou mecanismo de proteção ao desenvolvimento do indivíduo (NOGUEIRA; RODRIGUES; ALTAFIM, 2013).

Logo, conhecer com quais estilos parentais essa mãe cresceu e definir qual ela quer praticar poderá facilitar a condução da educação do filho. Entretanto, poucos materiais foram encontrados sobre o desenvolvimento desse tema com as gestantes. Portanto, este estudo deseja promover reflexões parentais como uma iniciativa de promoção da saúde mãe-filho, contribuir para a produção científica do tema e para a promoção da saúde de crianças, que irão se desenvolver em um ambiente no qual a mãe possui mais conhecimento e entendimento sobre o educar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 MATERNIDADE

A maternidade é uma construção social na qual a mulher ou familiares desempenham a função de mãe na vida de uma criança (MARCIANO, AMARAL; 2015). Tal função começa a ser construída logo na infância, com as brincadeiras de boneca, considerado um período preparatório para uma figura que, além de mulher, virá a tornar-se mãe (PICCININI *et al.*, 2008). Ao longo da vida, algumas mulheres optam por não desempenhar esse papel. Entretanto, aquelas que se propõem vivenciar a maternidade começam a lidar com os desafios desde a concepção.

Afinal, a gestação é um período no qual a mulher passa por diversas transformações: físicas, sociais e psicológicas (ROCHA, 2013). Muitas vezes, a gestante apresenta sentimentos ambivalentes que compreendem uma mistura de alegria, temor, pensamentos ansiógenos conflitantes, estresse, fantasias e expectativas a respeito da maternidade (PINHEIRO; LAPREGA; FURTADO; 2005). Tais sentimentos se intensificam no caso de mães primigestas, ressaltando a importância de criar uma rede de apoio com profissionais e familiares que auxiliarão no pré-natal e nos cuidados para o desenvolvimento do bebê (EIZIRIK; KAPCZINSKI; BASSOLS, 2001).

Além dessas transformações, a mulher precisará reestruturar seus papéis e sua existência, como na sua vida profissional e conjugal. Diante disso, seus interesses profissionais podem ficar suspensos por um tempo, na medida em que o bebê necessitará do cuidado materno (PICCININI *et al.*, 2008).

Ademais, com a descoberta da gravidez, a dinâmica entre os cônjuges poderá ser modificada, o que exigirá da família adaptações individuais e relacionais. Dessa forma, a inclusão do papel de pai deve ser feita logo após a descoberta, para que ele possa acompanhar o desenvolvimento e a evolução da gravidez e conseqüentemente criar um vínculo com o filho (PICCININI *et al.*, 2008).

Pela mesma razão, na vida conjugal, é notório salientar as alterações diante das novas configurações familiares que foram constituídas ao longo da contemporaneidade, sendo que o pai e a mãe se tornaram papéis, na medida que existem diversos sistemas familiares. Desse modo, as novas relações provocaram modelos familiares mais flexíveis. Vale ressaltar que a boa relação no sistema familiar favorece o crescimento do bebê (GABRIEL; DIAS, 2011).

Por fim, os desafios da maternidade não terminam no parto, pelo contrário, Winnicott (2008) destaca que o desenvolvimento emocional da criança, no início, só pode ser consolidado com base nas relações que ela tem com uma pessoa que, geralmente, é a mãe. O vínculo é definido como uma relação afetiva singular e duradoura, que possibilita a criação de um ambiente seguro e estável para que a criança possa se desenvolver (OTUKA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS; 2012).

2.2 ESTILOS PARENTAIS

Segundo Weber (2012), há uma relação entre as práticas parentais e o desenvolvimento emocional dos filhos. As práticas parentais são estratégias que os pais usam para disciplinar comportamentos específicos, na maioria das vezes, disfuncionais dos filhos; alguns gritam, outros elogiam, há aqueles que dialogam e aqueles que batem. Esse conjunto de comportamentos e atitudes dos pais (expressão corporal, tom de voz, bom ou mau humor) é chamado de estilo parental. A identificação dessas práticas parentais torna-se necessária, uma vez que a família é o ambiente no qual as crianças aprendem a interpretar a realidade e a construir sua identidade (TEIXEIRA, BARGADI; GOMES; 2004).

O estilo parental é constituído por dois fatores: a responsividade, que é o afeto, o carinho e o envolvimento do cuidador; e a exigência, que são as regras e limites impostos por ele (WEBER *et al.*, 2006). Atualmente, os estilos parentais são divididos em quatro: o autoritário, o permissivo, negligente e o autoritativo/democrático/participativo. Cada um desses estilos possui características distintas que interferem diretamente no desenvolvimento da criança. Entre eles, o mais assertivo é o estilo autoritativo/democrático/participativo, pois utiliza a firmeza e a gentileza na educação infantil. Os demais podem trazer dificuldades e gerar malefícios no desenvolvimento da criança (WEBER, 2012).

O estilo permissivo é observado quando os pais se comportam de uma forma não punitiva, são excessivamente responsivos e aceitam todos os desejos e ações da criança; com poucas exigências sobre o controle do comportamento e responsabilidade

de tarefas, não incentivam a seguir regras socialmente estabelecidas (MOTA; ASSUNCAO, 2020). Ou seja, nesse estilo, o cuidador se esquia totalmente do seu papel ativo na orientação do comportamento das crianças (CHORA *et al.*, 2019). O resultado são crianças com perfil antissocial, consumistas, com baixa tolerância a frustrações e baixo senso de autoeficácia (WEBER, 2012).

No estilo parental autoritário, os cuidadores exercem um controle excessivo e fazem uma avaliação dos comportamentos da criança com base em um padrão estabelecido pela figura de autoridade parental (MOTA; ASSUNCAO, 2020). Ademais, essas figuras autoritárias se tornam muito exigentes e pouco responsivas, fazendo com que as suas regras e coerções fiquem em desequilíbrio com a aceitação das exigências dos filhos, dos quais se esperam a inibição de seus pedidos e a plena obediência às suas ordens (WEBER, 2017). Tal estilo restringe a autonomia, a expressão emocional e comportamental da criança devido ao excesso de limite e à falta de afeto (CHORA *et al.*, 2019). Como consequência desse estilo parental, pode-se perceber um aumento de comportamentos submissos, baixa autoestima, poucas habilidades sociais, alto índice de depressão, ansiedade e estresse nos filhos (WEBER, 2012).

Entretanto, a flexibilização dos estilos parentais permissivo e autoritário resulta no estilo autoritativo/democrático/participativo. Nele, os pais são exigentes na mesma medida em que são responsivos (WEBER, 2017). Dessa forma, dão suporte às necessidades da criança, com definições claras de regras e limites, possuem boa capacidade de comunicação, em que é discutido e avaliado o ponto de vista da criança. Esse estilo proporciona a construção de um relacionamento recíproco entre pais e filhos (CHORA *et al.*, 2019). Nesse estilo parental, as crianças entendem o respeito mútuo, sentem-se valorizadas, amadas, possuem melhor autoestima, senso de autoeficácia, e altas habilidades sociais e apresentam baixos índices de depressão e estresse (WEBER, 2012).

Por fim, no estilo parental negligente, os cuidadores são pouco exigentes e pouco responsivos, costumam fugir das inconveniências e adversidades trazidas pelos filhos, esquivando-se da responsabilidade de cuidar (WEBER, 2017). Geralmente, esses pais ou estão muito ocupados com outras tarefas, ou confusos, ou desinteressados pela educação. Esse estilo, provoca o pior resultado para as crianças, como comportamentos antissociais, fraco desempenho escolar, depressão, estresse, ansiedade, pessimismo e baixas habilidades sociais (WEBER, 2012).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa consistiu em um levantamento de dados utilizando métodos mistos. Esses métodos envolvem a triangulação dos dados quantitativos e qualitativos, proporcionando mais evidências para um único projeto (LORENZINI; 2017).

Existem diversos instrumentos no contexto brasileiro que permitem conhecer estilos e práticas parentais (PASQUALI *et al.*, 2012). O roteiro de entrevista semiestruturada contém um questionário sociodemográfico; uma escala de responsividade e exigência desenvolvida por Lamborn *et al.* (1991, *apud* TEIXEIRA, BARDAGI, GOMES; 2004). A escala é composta por 16 itens – os seis primeiros investigam o grau de exigência do pai e da mãe; os demais investigam o grau de

responsividade. O instrumento é respondido com base numa escala tipo Likert, que varia de 1 (um pouco) a 3 (geralmente). A partir dos resultados, é possível identificar qual estilo parental a gestante recebeu da mãe e do pai: permissivo, negligente, autoritário e autoritário.

Foram elaboradas seis perguntas de natureza quanti-qualitativas desenvolvidas pelas pesquisadoras, referentes às práticas parentais que as gestantes querem desenvolver com seus filhos – se as gestantes conhecem os estilos parentais, o que elas diriam sobre a criação que tiveram, o que gostariam de repetir, o que gostariam de eliminar, o que gostariam de criar e o que estavam fazendo para se preparar para ser mãe.

A realização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n. 47861821.0.0000.5549. As gestantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado com uma linguagem acessível e atendendo à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/MS. Foram preservados todos os cuidados éticos previstos na resolução.

As entrevistas individuais com gestantes foram realizadas nas Unidades Básicas do município de Presidente Olegário, Minas Gerais. Após aceitar participar da pesquisa, as gestantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e preencheram o instrumento de pesquisa.

As entrevistas tiveram duração média de 15 minutos e, para minimizar os riscos de contaminação pelo vírus da COVID-19, foram tomados todos os cuidados de higiene, uso de máscara e distanciamento de um metro e meio. Foi levado álcool em gel, passado nas mãos das pesquisadoras e das participantes, antes e após a utilização da caneta e do preenchimento dos instrumentos de pesquisa.

As participantes foram mulheres que estavam passando pela experiência de maternidade em qualquer período gestacional. Os critérios de inclusão foram: mulheres gestantes, com mais de 18 anos, que aceitaram os termos da pesquisa e tinham disponibilidade para preencherem os instrumentos de pesquisa. Os critérios de exclusão foram: mulheres gestantes que preencheram de forma incompleta os instrumentos de pesquisa e que tinham abaixo de 18 anos.

O resultado quantitativo foi analisado pelo cálculo de frequência dos estilos parentais recebidos. O material resultante das perguntas qualitativas foi organizado por meio de categorias e analisados pelo procedimento sistemático e normativo de análise de conteúdo. Após essas análises, foi realizada uma análise comparativa dos resultados quantitativos e qualitativos com a utilização dos métodos mistos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RESULTADOS DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

A amostra por conveniência foi composta por 24 participantes. A idade delas variava de 21 a 39 anos, com média de 30 anos. Os dados sociodemográficos mostraram que 33,4% delas residem na zona rural do município e 66,6% na zona urbana. Além disso,

37,5% encontram-se na primeira gestação, 29,2% na segunda gestação e 33,3% na terceira ou mais gestações.

Em relação à escolaridade, a maioria das participantes apresentaram índice de escolaridade média (abaixo de 15 anos), 25% concluíram o ensino fundamental, 50% concluíram o ensino médio e 25% concluíram o ensino superior. Entretanto, foi observado que as participantes de baixa escolaridade tiveram dificuldade em compreender o instrumento e o preencheram com indiferença e desinteresse. Tal dificuldade relacionada à baixa escolaridade também foi evidenciada nos estudos de COSTA *et al.* (2011); OLIVEIRA *et al.* (2014), os quais apontaram o grau de instrução como indicador do nível socioeconômico e da qualidade de vida.

O estado civil das participantes foi equilibrado: 52% solteiras (em união estável) e 42% casadas; uma divorciada, mas com relação estável com o segundo parceiro; 100% das participantes moram com seus cônjuges e filhos e 92% das entrevistadas estão ativas no mercado de trabalho. Além disso, foi observada uma preocupação maior de como criar seus filhos, desejando criar relações mais saudáveis, com mais afeto e menos punições.

A predominância da união estável entre as gestantes e seus parceiros favorece a inclusão do pai, principalmente quando ele está envolvido no processo, acompanhando o desenvolvimento e a evolução e conseqüentemente criando juntos o estilo parental que desejam praticar (OLIVEIRA *et al.*, 2014; PICCININI *et al.*, 2008). Sobre os estilos parentais, 80% das gestantes não os conhecem e 20% afirmaram conhecê-los de forma superficial. As participantes que relataram conhecer de forma superficial são as que possuem maior nível de escolaridade.

4.2 RESULTADOS DOS DADOS QUANTITATIVOS

Com os dados obtidos pela escala de responsividade e exigência do pai e da mãe, 84% das participantes tiveram uma mãe com estilo parental participativo, no qual se tem muito afeto e limites definidos; 8% tiveram uma mãe negligente; 4% tiveram uma mãe autoritária; 4% tiveram uma mãe permissiva. Em relação ao estilo parental dos pais, 78% tiveram um pai participativo; 11%, um pai autoritário, aquele com limites muito rígidos e pouco afeto; 11%, ausência da figura paterna decorrente de falecimento.

Nota-se que o estilo parental participativo foi predominante; por outro lado, as participantes relataram uma criação rígida, com excesso de punições, pouco carinho e sem diálogo. Tal fala é contraditória com o estilo parental participativo, visto que ele ressalta a importância do afeto, do diálogo e de limites mais flexíveis. Uma hipótese seria que o instrumento utilizado se mostrou limitado, principalmente na escala de exigência, visto que abrange apenas três dimensões: saídas à noite, monitoração da localização e atividades no tempo livre (TEIXEIRA; BARGADI; GOMES; 2004).

4.3 RESULTADOS DOS DADOS QUALITATIVOS

Os dados qualitativos foram divididos em cinco categorias: 1. Educação parental recebida; 2. O que gostariam de repetir da educação parental recebida; 3. O que não gostariam de repetir da educação parental recebida; 4. O que gostariam de criar a

partir da educação parental recebida; 5. Preparo para ser mãe. Após a análise de conteúdo, cada categoria foi subdividida e descrita a seguir:

4.3.1 Categoria 1: educação parental recebida

Das participantes, 58% fizeram afirmações positivas sobre a criação que receberam: maravilhosa, excelente, muito boa; 16% afirmaram que os pais fizeram o melhor que conseguiram; 30% relataram uma criação muito rígida e com pouco carinho.

O envolvimento conjunto e recíproco dos pais na educação dos filhos é conhecido como coparentalidade, que é definida por um conjunto de funções, no qual os cuidadores oferecem segurança, proteção, suporte físico e emocional, a forma como eles se apoiam e como eles manejam seus próprios conflitos (BÕING; CREPALDI; 2016). Foi possível observar que a maior parte das entrevistadas tiveram pais com coparentalidade positiva.

4.3.2 Categoria 2: o que gostariam de repetir da educação parental recebida

Dar uma boa educação aos filhos perpassa as questões escolares. Além da alfabetização, é necessário que pais e cuidadores tenham em mente a importância de ensinar valores como caráter, respeito e honestidade. O ensino de valores morais promove a humanização dos seres humanos (LIMA; SANTOS; 2018). Foi possível observar que as entrevistadas possuem essa consciência, pois relataram querer transmitir aos filhos os valores que receberam dos pais.

A maioria das respostas esteve relacionada a valores como caráter, honestidade, educação (25%); relataram que gostariam de ensinar aos filhos o respeito, principalmente com as pessoas mais velhas (42%). Além disso, 12% relataram repetir absolutamente tudo; 16% não repetiriam nada, fariam tudo diferente; 4% relataram, de forma detalhada, querer repetir o carinho do pai e a segurança da mãe.

4.3.3 Categoria 3: o que não gostariam de repetir da educação parental recebida

O ato de bater nos filhos ou puni-los diz mais sobre as dificuldades dos pais de manejar o conflito e suas próprias emoções do que sobre a necessidade da criança de apanhar. Além disso, as punições não ensinam o que as crianças precisam aprender para não cometer os mesmos erros (SANTOS, 2020), tornando a ação injustificável.

O estilo parental que mais utiliza punições é o autoritário. Apesar de ter tido baixa frequência entre os estilos parentais das participantes (apenas um pai e uma mãe com esse estilo), boa parte das respostas teve relação com as punições (21%); com a falta de diálogo, severidade, rispidez e a falta de carinho (38%).

Também houve relatos de repetir absolutamente tudo (8%) e de não repetir nada (25%), por fim o desejo de não querer criar os filhos sozinha (8%). Novamente, fica evidenciada a importância do parceiro e da rede de apoio para a saúde mental da mãe e para o desenvolvimento saudável da criança.

4.3.4 Categoria 4: o que gostariam de criar a partir da educação parental recebida

Outrora se acreditava que as crianças não entendiam conversa de adulto, e muitas vezes eram retiradas dos ambientes familiares de forma abrupta e autoritária. Além disso, as interações entre pais e filhos baseava-se na hierarquia e na desigualdade – os cuidadores ocupavam lugar de superioridade e aos filhos cabia a submissão (SANTOS; 2020). Entretanto, com o desenvolvimento tecnológico e estudos na área de desenvolvimento humano, observou-se que as crianças são dotadas de sentimentos e valores, assumindo um papel central nas relações familiares (LIMA; ROMANINI, 2017).

A partir dessa constatação, iniciou-se um processo de dar lugar e voz para as crianças nos ambientes familiares. Essa necessidade foi constatada pelo desejo frequente das participantes de demonstrar afeto e de ter bom convívio familiar (58%), seguido do desejo de ter uma relação de amizade (29%), ensinar valores religiosos (20%) e estabelecer diálogo com os filhos (16%).

4.3.5 Categoria 5: preparo para ser mãe

Todas as entrevistadas relataram estar fazendo o pré-natal corretamente. O pré-natal é uma modalidade de atendimento que tem por objetivo promover que o recém-nascido tenha um desenvolvimento saudável e reduzir as taxas de mortalidade neonatal. Essa assistência adequada exige, no mínimo, seis consultas durante a gravidez (PICCININI *et al.*, 2012).

Além disso, 37% das participantes relataram pesquisar, na internet, sobre maternidade. Tal hábito é frequente, porém as participantes devem considerar a fonte das informações para que não tenham *fake news* nem desenvolvam problemas emocionais relacionados à ansiedade e ao estresse (CARVALHO; MATEUS; 2018).

Por fim, 12% das entrevistadas estão em acompanhamento psicoterápico e nutricional; 8% estão preparando os filhos mais velhos para a chegada do bebê; 20% relataram estar aprendendo com os próprios erros e com os de outras pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que o estilo parental participativo foi o predominante, porém as participantes relataram ter tido uma criação com muitas punições, com falta de carinho e com falta de diálogo. Tal dado denota uma complementariedade dos métodos mistos que possibilitam maior profundidade na compreensão dos resultados. Por fim, percebeu-se que a maioria das gestantes desconhece o que são os estilos parentais, evidenciando uma maior necessidade de divulgação e educação sobre a temática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÖING, E.; CREPALDI, M. A. Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, p. 17-33, 2016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/j6fqkKb6qYv834qTxy4HXFy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2022.

CARVALHO, M. F. C; MATEUS, C. A. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação. **UFMG**, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16901>. Acesso em: 05 fev. 2022.

CHORA, M. *et al.* Um olhar sobre o papel do pai na compreensão emocional das crianças: Os estilos parentais e práticas de socialização das emoções negativas. **Psicologia**, Lisboa, v. 33, n. 1, p. 19-32, ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087420492019000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2021.

COSTA, M. C. O. *et al.* HIV/Aids e sífilis entre gestantes adolescentes e adultas jovens: fatores de exposição e risco dos atendimentos de um programa de DST/HIV/Aids na rede pública de saúde SUS, Bahia, Brasil. **Revista Baiana de Saúde Pública**, [S. l.], 35 (supl. 1), 179-195, 2011. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2011/v35nSupl1/a2308.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2022.

EIZIRIK, C. L; KAPCZINSKI, F; BASSOLS, A. M. S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2001, cap. 2, p. 29-40.

GABRIEL, M. R.; DIAS, A. C. G. **Percepções sobre a paternidade**: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. Natal, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

LIMA, J. dos S.; SANTOS, G. L. dos. Valores, educação infantil e desenvolvimento moral: concepções dos professores. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 3, n. 8, p. 153-170, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/275>. Acesso em: 5 fev. 2022.

LIMA, S; ROMANINI, M. Infância e consumo: reflexões e implicações para a formação e atuação de psicólogos. **Pesq e Tecnologia na psicologia atual**, 2017. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/17598/4476. Acesso em: 05 fev. 2022.

LORENZINI, E. Pesquisa de métodos mistos nas ciências da saúde. **Rev Cuid**, [S. l.], vol. 8, n. 2, p. 1549-60, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v8i2.406>. Acesso em: 28 mai. 2021.

MARCIANO, R. P.; AMARAL, W. N. O vínculo mãe-bebê da gestação ao pós-parto: uma revisão sistemática de artigos empíricos publicados na língua portuguesa. **Rev.**

Feminina, [S. l.], v. 43, n. 4, 2015. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2015/v43n4/a5307.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

NOGUEIRA, S. C.; RODRIGUES, O. M. P. R.; ALTAFIM, E. R. P. Práticas educativas de mães de bebês: efeitos de um programa de intervenção. **Psicologia em Estudo**, [S. l.], v. 18, n. 4, pág. 599-609, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v18n4/03.pdf>. Acesso em: 31 maio 2021.

OLIVEIRA, M. A. M. de *et al.* Gestantes tardias de baixa renda: dados sociodemográficos, gestacionais e bem-estar subjetivo. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 69-82, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872014000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 fev. 2022.

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos; Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 55-63, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722012000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2021.

PASQUALI, L. *et al.* Questionário de Percepção dos Pais: Evidências de uma Medida de Estilos Parentais. **Paidéia**, [S. l.], v. 22, n. 52, p. 155-164, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/hrLJpsfmmwHZT75M4RbRK9H/?lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2021.

PICCININI, C. A. *et al.* Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em estudo**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 63-72, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a07.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PICCININI, C. A. *et al.* Percepções e Sentimentos de Gestantes sobre o Pré-natal. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 28 n. 1, p. 27-33, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/DGwW4ZHVkPkSjVNYhX7G54Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2022.

MOTA, C. P.; ASSUNCAO, S. de. Estilos parentais e comportamento desviante: papel mediador do consumo de álcool em estudantes universitários. **Suma Psicol.**, Bogotá, v. 27, n. 2, p. 98-106, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012143812020000200098&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2021.

PINHEIRO, S. N.; LAPREGA, M. R.; FURTADO, E. F. Morbidade psiquiátrica e uso de álcool em gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 593-598, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102005000400012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 mai. 2021.

ROCHA, R. S. *et al.* **Consumo de medicamentos, álcool e fumo na gestação e avaliação dos riscos teratogênicos.** Porto Alegre, 2013. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198314472013000200005&lang=pt. Acesso em: 18 maio 2021.

SANTOS, E. **Educação não violenta:** como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina, e resiliência em você e nas crianças. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

TEIXEIRA, M. A. P; BARDAGI, M. P; GOMES, W. B. Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. **Aval. Psicol.**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 01-12, 2004. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712004000100001&Ing=pt&nrm-iso. Acesso em: 28 maio 2021.

VITALI, I. L. Como nossos pais? A transmissão intergeracional dos estilos parentais.

Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/2394/Monografia;jsessionid=BBA4548FE3936F3F8289CDA9C853BF9E?sequence=1>. Acesso em: 28 maio 2021.

WEBER, L. N. D. *et al.* Continuidade dos estilos parentais através das gerações:

transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 407-414, dez. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/XpSdzwfHmCmTVKtK6pFGxDB/?lang=pt>. Acesso em: 21 maio 2021.

WEBER, L. N. D. Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a

autoestima, sinais de depressão e o uso de substâncias por adolescentes. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, INFAD Revista de Psicologia, v. 2, n. 1, p. 157-168, 2017. Disponível em:

<https://revista.infad.eu/index.php/IJODAEP/article/view/928/807>. Acesso em: 20 maio 2021.

WEBER, L. **Eduque com carinho.** 4. ed. Curitiba: Juruá, 2012.

WINNICOTT D.W. **A criança e seu mundo.** 6. ed. Rio de Janeiro: LTC. 2008.